

A PONTE É DE "MANELÃO": REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM BRASÍLIA DE MINAS/MG

Silvana Ferreira Mendes¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo refletir a produção do espaço urbano na cidade de Brasília de Minas / MG a partir da administração 1977/83 para a qual deveria se “elaborar um plano para disciplinar o crescimento da cidade, para evitar que ele se faça de forma anárquica”. Contrastando com esta proposta de urbanização, a figura de Manelão se torna transgressora daquele espaço abstrato ao transformar em moradia uma ponte de concreto sobre o rio Jacaré dando início a uma sequência de táticas e estratégias em seu processo de reivindicação do direito à cidade.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano. Cidadinidade. Espacialidade.

*THE BRIDGE BELONGS TO "MANELÃO": REFLECTIONS ABOUT THE
PRODUCTION OF URBAN SPACE IN BRASÍLIA DE MINAS, BRAZIL*

ABSTRACT

This text aims to reflect on the production of urban space in the city of Brasília de Minas/MG from the 1977/83 administration, which was supposed to “develop a plan to discipline the city’s growth, to prevent it from being anarchic”. In contrast to this urbanization proposal, the figure of Manelão becomes a transgressor of that abstract space by transforming a concrete bridge over the Jacaré River into a home, initiating a sequence of tactics and strategies in his process of claiming the right to the city.

Key words: Urban space production. Urbanity. Spaciality.

As cidades do norte de Minas Gerais sofreram um processo de modificação em suas estruturas econômicas e sociais principalmente a partir dos anos

¹Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professora de História para a Educação Básica em Brasília de Minas/MG como servidora pública junto à Secretaria de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). E-mail: silvanaferreiramendes@hotmail.com

1960/70, com maior ou menor intensidade de acordo as predisposições de cada uma, a integração das mesmas na área mineira da SUDENE² e aos resultados do êxodo rural impulsionado pela modernização tecnológica de áreas agrícolas e pela proximidade prática da legislação trabalhista institucionalizada nos sindicatos rurais que passaram a se fazer presente até mesmo nas pequenas cidades. Assim, o espaço urbano sofreu um reflexo desta nova realidade, uma vez ser o destino dos ex-trabalhadores rurais em busca de novas oportunidades de sobrevivência aumentando a demanda de moradias e postos de trabalho.

No caso específico da cidade de Brasília de Minas estas transformações ocorreram de forma tímida a partir dos anos 1980. Os memorialistas locais retratam a cidade de outrora de forma idealizada e com uma dose de saudosismo, agravado pela influência de sua proximidade com integrantes dos grupos políticos locais ou publicação em comemoração ao centenário. Tais obras são importantes fontes, mas retratam a cidade parcialmente, onde as realizações são feitos isolados deste ou daquele personagem integrante da vida política ou pertencente a tal família.

Desse modo:

E assim, Brasília foi crescendo e tomando o rumo de cidade grande. À medida em que a década de 50 foi passando, a gente foi notando sensíveis mudanças em tudo. Mais escolas foram surgindo, o progresso chegando e influenciando de forma direta nos hábitos e costumes. Mas, antes de falar no progresso, vamos continuar lembrando das velhas coisas (SILVA, 1995, p. 21).

Dona Maria Eugênia, memorialista local (SILVA, 1995, p. 21), nos coloca na cena das transformações pelas quais a cidade sofrera principalmente a partir dos anos 50 do século XX, cujas construções atendiam a elite econômica e política local:

Tínhamos muitos botecos que ofereciam muitos produtos como: arroz, feijão, farinha de mandioca, farinha de trigo, toucinho, rapadura, querosene, sal, gala doce, temperos e pinga.

²A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste é uma autarquia federal criada pela lei nº 3692 de 15/12/1959 com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento do Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Bahia e parte do território de Minas Gerais enquadrado no Polígono das Secas).

Os estabelecimentos comerciais iam além de fornecedores de secos e molhados, se constituíam em importantes pontos de sociabilidades funcionando como lazer, ponto de encontro entre amigos e conhecidos, também faziam as vezes de rádio comunitária cujas notícias eram veiculadas em tempo real, quase sempre com pitadas de exagero.

Ainda de acordo com as descrições de Silva (1995), havia umas oito lojas de tecidos e outros artigos “finos”, três pensões, um restaurante e uma farmácia. A produção de pães e biscoitos era de responsabilidade de quitadeiras afamadas que os produzia nos fornos a lenha em fundos de seus quintais, bem como a confecção de roupas, sapatos, utensílios de arear montarias eram igualmente produzidos sob encomenda diretamente às pessoas especializadas.

As descrições feitas pela memorialista Maria Eugênia nos remete a uma tranquilidade com que a “gente ordeira” da cidade de Brasília de Minas conduzia a vida nas décadas de 50, 60, 70, onde poucas transformações se verificavam. Os cidadãos se divertiam nas festas religiosas onde também o profano estava presente nos forrós, leilões e barraquinhas de comes e bebes de quitandas e licores caseiros.

Os banhos coletivos se davam nas margens do rio Paracatu dividindo espaço com as lavadeiras de roupas e com a mocidade que disputava natação e mergulhos. A rua Coronel Sansão, cujas moradias abrigava era o:

[...] cenário de maravilhosas e ternas canções de amores, de acontecimentos marcantes, de representações históricas, como as recepções de personalidades ilustres, desfiles deslumbrantes de datas cívicas e de maravilhosos desfiles carnavalescos. Era na rua Coronel Sansão que residiam os personagens mais ilustres de nossa terra. Hoje, quase nada mudou nessa rua. Mas, aquele romantismo, aquela sensação do belo ao pisar nas pedras de seu calçamento antigo já não existe mais. O fausto e a opulência de um passado não muito distante, vertiginosamente cederam seus lugares ao império das circunstâncias (SILVA, 1995, p. 21)

Era uma calma aparente, uma vez que disputas eram travadas entre integrantes da própria elite que decidia os rumos da vida política e econômica local

numa luta para que a cidade orquestrada por eles continuasse gravitando em sua própria área de influência. A cidade descrita pelos memorialistas locais – Maria Eugenia Matos Silva, Maria Inês Matos Gonçalves e Henrique de Oliva Brasil – era a cidade dos fazendeiros. Era em torno deles e para eles que se construía e movimentava a vida política, social e econômica, era essa a “gente ordeira”, seus familiares e amigos os frequentadores das festas, cujas janelas e salas que se cantava serestas degustando licores.

Não é esta Brasília de Minas das gentes importantes relatada idilicamente pelos memorialistas que desejo alcançar. Cidades outras podem ser aí identificadas, a cidade dos trabalhadores rurais que mantinham a produção das fazendas e sítios, por exemplo. A cidade das gentes miúdas que limpavam as casas, lavavam as roupas, carpavam e cultivavam os quintais, apanhavam lenhas para a cozinha e o forno de assar, cuidavam dos recém-nascidos.

A cidade dos trabalhadores invisíveis recebendo alimentação, roupas usadas e um quartinho nos fundos do quintal como pagamento pelos serviços prestados, pois eram como se fossem “gente da família” (SOUZA, 2019, p. 82). Numa rápida análise dos textos memorialísticos pode-se detectar a existência de uma outra cidade: a dos pedintes e loucos de toda espécie. Estes são identificados como personagens “folclóricos” que em suas andanças e sandices entretêm com seus palavrões e gestos obscenos os moradores das poucas ruas existentes em seus momentos de ócio.

“Os chamados ‘doidos’, ao longo de épocas remotas, verdadeiros talentos humorísticos, foram muitos” (SILVA, 1995, p. 26). Para Lefebvre (2011, p. 52), “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.” Portanto, várias cidades podem ser identificadas num mesmo espaço. E é esta cidade das gentes miúdas – trabalhadores, pedintes, doidos ou nem tanto - que me interessa.

São estes sujeitos que busco identificar e me inteirar sobre seus modos de vida. Interessa-me suas formas de resistência, ocupação e produção numa cidade elitizada e à revelia, conseguiam se apropriar de um espaço por onde transitavam sem permissão pelos becos de Juvenato, de seu Raimundinho, de Cristina Rocha,

de Dalita, de sá Luzia Cachoeira, de sá Chica Viúva, de sá Izidora. Eram personagens que incursionavam e forçavam passagem pelas ruas e becos cujos nomes sugeriam a existência de pretensos “donos”.

O cenário urbano de Brasília de Minas sofreu sensíveis modificações nos anos 1980, 1990 e 2000 impulsionado pelo êxodo rural que trouxe para a sede municipal os ex-agregados povoando áreas periféricas como os bairros Alto Claro e Andu (atual Santa Cruz) e a rua São Francisco (MENDES, 2019). Locais de pastagem e marginais de estradas foram ocupados e transformados em novos espaços para onde os indesejáveis foram “expulsos” para fazerem companhia aos primeiros e assim formar locais impróprios para trânsito de pessoas de bem, sobretudo pelas mulheres. Em seu discurso de posse, o prefeito José Oliva (1977/83) enfatizou a necessidade de:

[...] elaboração de plano para disciplinar o crescimento da cidade, para evitar que ele se faça de forma anárquica, criando complicações e obstáculos futuros para a administração pública, causando dificuldades e comprometendo o bem estar dos seus habitantes, e por fim, obstruindo o próprio progresso local – pavimentação de ruas e logradouros – ajardinamento e plantio de árvores (BRASIL, 1978, p. 145-146).

Interessante notar que a ideia de progresso e modernização expressa pelo prefeito eleito consistia na oferta de espaços urbanos pavimentados e arborizados para “seus habitantes”, porém aqueles deveriam ser disciplinados para evitar uma pretensa “anarquia”. Desta forma, os espaços da cidade seriam planejados de forma a atender aos ideais de modernidade e progresso concebidos por seus arquitetos, não levando em conta as necessidades dos próprios cidadãos que nela habitariam.

A Brasília de Minas que nasceria deste projeto de urbanização seria a cidade da elite política e econômica em detrimento de parcela considerável de cidadãos, seria um espaço abstrato que Henri Lefebvre (2001) define como aquele organizado pelos tecnocratas a serviço de um Estado capitalista em atendimento às exigências de mercado. Portanto, seria um espaço artificialmente programado sob a concepção de seus idealizadores originando a cidade produto, cujas insurgências poderiam ser coibidas por exigências normativas e até violentas. Para Lefebvre (2001, p. 53):

[...] a cidade dos mercadores e dos banqueiros continua a ser para nós o tipo e o modelo de uma realidade urbana onde o uso (a fruição, a beleza, o encanto dos locais de encontro) predomina ainda sobre o lucro e o proveito, sobre o valor de troca, sobre os mercados e suas exigências e coações.

Não se encontrou registros de que a administração do então prefeito José Oliva tenha chamado à participação as pessoas que seriam diretamente atingidas pelas obras deste projeto de urbanização. Casas consideradas horríveis, mal construídas “enfejavam a rua” que era “vergonhosa para nossa comunidade” seriam substituídas por “modernas construções” e a rua “urbanizada” integraria na “harmonia de uma cidade, que cada vez torna-se mais elegante”.

A rua dos Inconfidentes foi, há alguns anos, uma das piores da cidade. Casas mal construídas, sem alinhamento e nivelamento, tendo à frente, calçadas altas e deselegantes e durante muito tempo teve o nome deprimente de rua do Cisco³. O tráfego de veículos era impossível por ali, pois havia uma permanente sucessão de buracos que ofereciam perigo até mesmo para os pedestres. Entretanto, a prefeitura foi demolindo quase todas as casas horríveis que tanto enfejavam a rua e, aos poucos, foram surgindo modernas construções. A pavimentação ordenada pelo prefeito José Oliva, completou a indumentária de uma rua que noutros tempos foi vergonhosa para a nossa comunidade e que hoje se integra na harmonia de uma cidade, que cada vez torna-se mais elegante. O calçamento, uma vez que seja precedido da infra estrutura necessária, é uma das obras públicas mais importantes, porquanto, ruas limpas constituem a prova mais segura do progresso (BRASIL, 1978, p. 147).

O projeto proposto atuou nas áreas centrais da cidade dando origem a uma transformação para além da paisagem, pois possibilitou uma diversificação econômica com novos empreendimentos e a especulação imobiliária trouxe a derrubada dos casarões edificadas à rua Coronel Sansão e praça Coronel Francisco de Paula Antunes. Era a transformação da tradicional elite brasiliense, cujas residências foram remodeladas arquitetonicamente adequando-as ao novo uso - alugar a terceiros.

Atualmente, a rua Coronel Sansão representa o centro comercial da cidade em cujas construções de prédios modernos se situam escritórios, clínicas e

³Palavra de uso local significando lixo, imundície, “monturo”.

estabelecimentos comerciais de sacadas em vidro e letreiros chamativos. Alguns destes imóveis têm como proprietários, herdeiros das citadas famílias “tradicionais” que nas palavras de Lefebvre (2001, p. 35) fizeram nascer a cidade do valor de troca em detrimento da cidade do valor de uso.

Dentre este cenário de modernização do espaço urbano da área central de Brasília de Minas, de transformação das famílias tradicionalmente proprietárias de terras em locatárias de imóveis comerciais urbanos, uma figura perpassou todo este processo e continua perambulando pela rua Coronel Sansão contrastando naquele cenário, parecendo lembrar a todos que algumas coisas podem resistir ao tempo e às transformações. Essa figura de contraste é o “Manelão da Ponte”.

Hoje, bastante idoso, mas com andar imponente numa altivez desafiante executando os mesmos hábitos cotidianos há décadas: anda devagar até a farmácia onde recebe um pouco de café em sua latinha de ervilhas, ganha um pão na padaria, volta vagorosamente com seus chinelos, traje amassado lavado por ele próprio e uma vasta cabeleira desalinhada. Pára de vez em quando para conversar com alguém ou fazer xingamentos a quem ouse desagradá-lo chamando-o por Manelão.

Figura 1 Manelão em seu “rolezinho matinal” em 08/07/23



Fonte: Ailton Santana cedido à autora (2023).

Os passos ainda firmes para a idade o conduzem de volta para casa – uma ponte de concreto sobre o rio Jacaré construída pelo Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER/MG) no terceiro mandato da administração municipal de Dr. Cassiano Alves de Oliveira – 1973/77 (NEPOMUCENO, 2014, p. 27). Ali, Manoel estabeleceu residência há mais de 40 anos na margem esquerda, embaixo desta ponte. A escolha deste personagem da vida real se deveu a um interesse particular pelas gentes simples e invisíveis que compõem o universo urbano de Brasília de Minas: os benzedores, curandeiros, parteiras, foliões, doidos, os jagunços, os ex-trabalhadores rurais, os habitantes dos bairros periféricos. Manoel não parece se encaixar em nenhuma destas categorias pesquisadas. Nepomuceno (2014, p. 27) o define como “morador de rua”.

Ao tentar analisar a ocupação do espaço urbano de Brasília de Minas, a figura de Manoel não parece ser passível de compreensão, é inquietante. Ele não

mora de forma convencional em uma casa, não pede esmolas ou ajuda a ninguém, nem sempre aceita receber algo que lhe seja ofertado e não tem renda própria. Não parece sofrer de quaisquer moléstias, não se sabe de relatos de queixas ou visitas a médicos.

O primeiro passo foi coletar informações sobre o mesmo. Tarefa nada fácil. Então, fez-se a opção de abertura de enquete no grupo “Brasilinha e seus velhos tempos” no facebook e as respostas trouxeram informações que possibilitaram o direcionamento a interlocutores e produções (monografia e poema).

“A minha maior curiosidade é a idade de Manelao, quando eu tinha de 15 pra 16 anos eu trabalhava em Terezinha do gaz e Manelao já era um senhor mais velho, as vezes ajudava a gente a descarregar o caminhão do gaz, já se foram 39 anos, calculo que tenha entre 96 a 98 anos.” (João Pretim)

“Mora embaixo da ponte do rio Jacaré. Saída para São Francisco. Foi também morador da antiga rua do Cisco, hoje conhecida por Rua dos Inconfidentes e trabalhou muito tempo na sua mocidade com o senhor Chico Coqueiro. Também foi casado, teve três filhos. Dois homens e uma mulher por nomes de Zé, Magela e Telma.” (Antônio José Ferreira Silva)

“Eu o conheci antes de morar na rua. Era chapa de caminhão, ótimo para arrumar carga de carvão, motorista de caminhão, depois que a sua esposa separou dele, foi que ficou nas ruas (...).” (Antônio Mário)

“Eu era criança, estou com 75 anos, lembro de Manuelão já homem ajudante de caminhão de Josué Cesário, seu Antônio Ramos, Zé Luiz pai de Rômulo Xavier, o Manuelão foi casado com Flora que trabalhava no hotel Santana de Raimundinha de seu Antônio Ramos, depois no hotel de Dália de Josué e por último no hotel de D. Ilda do seu Antenor.” (Kleber Rodrigues)

“Já ouvi falar que ele teve um desamor e foi parar na ponte.” (José Tadeu Junior)

“Conheço Manelão desde o final dos anos 50, início de 60 como ajudante de caminhão lá em Angicos. A gente morava a beira da rodagem e ele já carregou muito caminhão lá em casa.” (Francisco José da Silva)

A partir das contribuições de interlocutores, muitas interpretações acerca de Manelão da Ponte foram se confirmando e outras, se incidiram sob a categoria especulação ou memória fantasiosa. Manoel Ferreira da Silva é brasilminense, nascido no bairro do Andú (atual Santa Cruz), filho de Maria Bandeira e Silvério, por conta da precariedade material, os três filhos do casal foram entregues em adoção. Manoel largara a estadia em casa dos pais adotivos retornando à família biológica,

sendo obrigado a exercer pequenas atividades como “ajudante de qualquer coisa” como o mesmo define e confirma que fora ajudante de caminhão e conseguira exercer a função de motorista por um tempo, apesar de não ser habilitado.

Trabaiei de caminhão muitos anos (...) mas num tenho carteira para dirigir... eu trabaiei de ajudante, pois é, o primeiro home que eu trabaiei pra ele de caminhão aqui num é vivo mais não, era Zacarias dos Santos. (...) e daí pra diante fui repassando de dono de caminhão, dono de caminhão, dono de caminhão, até eu falei mas num tá certo não, eu já sabia de tudo, né? Aí passei a dirigir, mas eu dirigia pruquê eu já sabia mexer com aquilo, pois a gente tem que aprender de tudo, né? Pois é! ... é esse o caso.⁴

Manoel demonstra em suas atitudes e falas uma consciência moral, social e política; “...eu falei mais num tá certo não, eu já sabia de tudo, né?”. Apresenta preocupação com o que é certo, com o que é direito. Tem opinião formada acerca das dificuldades de educar os jovens nas famílias e nas escolas, opina sobre o perigo do uso de drogas. Frequenta as reuniões na câmara municipal, pois tem que “tá de dentro pra saber o que tá sendo feito com dinheirão que o Estado manda pra cá. (...) política é um negócio meio atrapaiado” (NEPOMUCENO, 2014, p. 31).

Em suas andanças cotidianas pelas ruas centrais da cidade, tudo observa e guarda na memória os acontecimentos, as pessoas, as transformações e as classifica como certo ou errado. Neste último caso, sabe exatamente como proceder – dirigir-se à delegacia de polícia para dar conta do ocorrido. Afinal, a “segurança e a ordem” é um dever de colaboração de todos.

[...] sempre que eu estou nas ruas estou dando uma olhada pra ver se está tudo em ordem, toda vez que saio vou na cadeia ver se eles precisa de alguma coisa e contar pra eles alguma coisa de errado que eu vi. Cê sabe que nós temos o dever de manter a ordem e a segurança, né?”⁵

Esta atitude de Manelão vai de encontro com o que Jane Jacobs (2011) conclui ao observar o “balé” cotidiano dos transeuntes e moradores nas calçadas de sua vizinhança em Greenwich Village, Manhattan – “Somos os felizardos detentores de uma ordem urbana que torna a manutenção da paz relativamente simples, por haver olhos de sobra na rua”. Manelão tem consciência da importância de ser “os

⁴Entrevista concedida a Nepomuceno (2014, p. 29).

⁵Entrevista concedida a Nepomuceno (2014, p. 30).

olhos da rua” Coronel Sansão e adjacências e apresenta um “cérebro por trás dos olhos” ao saber exatamente que atitude tomar quando verifica algo considerado por ele incorreto.

A figura de Manelão parece fazer parte da paisagem natural da parte central de Brasília de Minas, por onde anda é reconhecido pela população que por ele expressa sentimentos variados – medo, piedade, admiração, indignação, indiferença. O próprio Manoel parece ter consciência destes sentimentos “...se eu for reparar isso, vou descobrir que muita gente tem medo de mim, então não gosto de reparar esses casos...”²¹ Não se considera “mió” que as outras pessoas mas classifica como “bão” os que possuem outro tipo de vida, sabe da estranheza que desperta em ter a ponte como moradia, mas consegue enumerar pontos positivos em sua habitação.

Por que aqui é bom, aqui não pode ficar sem morar gente, e não é porque eu sou mió que os outros, não. (...) Quem conhece aqui, ou sabe que eu moro aqui estranha, mas é que tá acostumado com a vida no meio dos bão, Eu não vejo nada de errado morar aqui. Olha aqui é fresco, não molha, só não tem luz, mas já me acostumei, eu também drumo cedo⁶.

A condição de morador de rua não é exclusiva de Manelão da Ponte na cidade de Brasília de Minas. Em cidades dos mais variados portes, pessoas tomam vias e pontos urbanos como moradia por inúmeros motivos – desemprego, vício em drogas, desavença familiar, decepção amorosa, problema de saúde, opção própria... – assim, ruas, praças, viadutos, pontes, marquises se tornam moradias permanentes ou temporárias a um contingente populacional que cotidianamente precisa lançar mão de incontáveis táticas para continuar ocupando “seu” espaço pelas ruas como melhor lhe aprouver. Para Michel de Certeau (1998, p. 101):

A tática é a arte do fraco (...). A astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”: quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. (...) a tática é determinada pela ausência de poder.

No caso de Manelão da Ponte, é possível identificar algumas de suas táticas para continuar ocupando “seu” espaço embaixo da ponte: mantém bom

⁶Entrevista concedida a Nepomuceno (2014, p. 49).

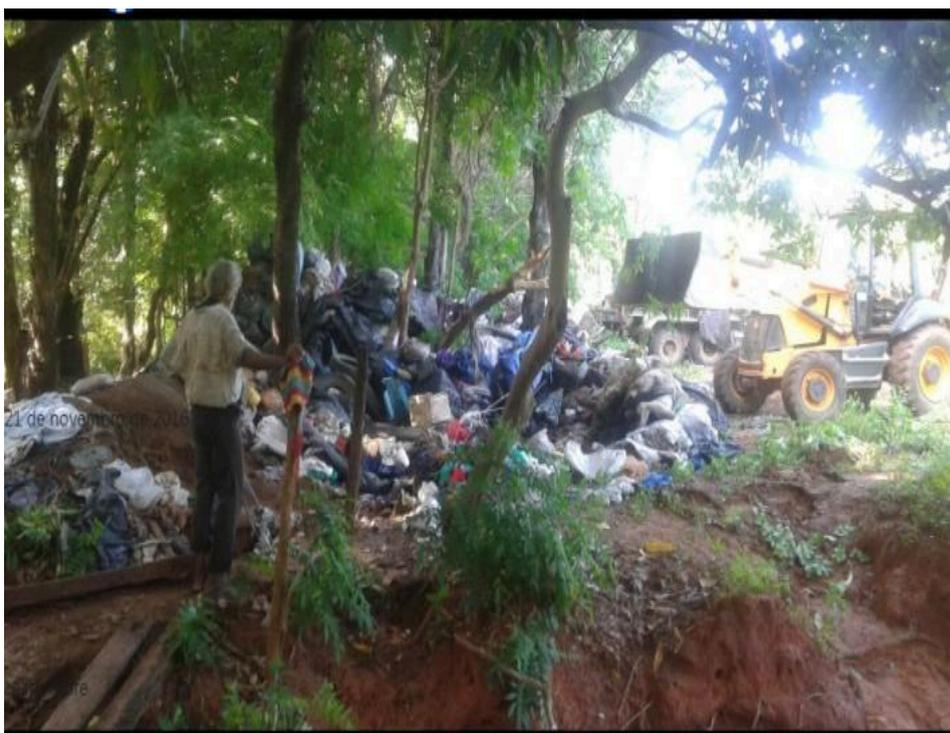
relacionamento com policiais, vereadores, comerciantes; não reivindica e/ou procura não aceitar quaisquer serviços dos órgãos públicos – não possui documentos e nem aposentadoria ou outros benefícios sociais – comparece a missas e reuniões da câmara de vereadores, se recorda de fatos importantes da vida política local.

Em suma: tenta parecer um cidadão comum transitando com propriedade em pontos urbanos específicos tecendo uma rede de contatos que lhe é favorável na sobrevivência cotidiana – café da manhã na padaria (...), às vezes aceita alimentos de algum vizinho, um cafezinho na farmácia (...), um lanche noturno de algum conhecido na pizzaria (...). O medo e o sentimento de aversão que desperta em algumas pessoas faz com que estas permaneçam a uma distância segura o suficiente para não importuná-lo, deixando livres calçadas e escadarias à sua passagem ou permanência. Não se verificou quaisquer iniciativas de abordagens mais incisivas do poder público com relação ao morador da ponte do Jacaré.

Ao contrário, as recusas pela troca da ponte por uma casa foram acatadas sem ofensivas mais contundentes por parte da administração municipal. Pode-se afirmar que as estratégias⁷ na definição de Michel de Certeau, no caso específico em questão, não foram empenhadas com vigor para que Manelão fosse retirado da ponte. Ao contrário, algumas investidas estratégicas foram efetivadas com um aparato significativo, mas envolvendo uma mediação. As limpezas feitas embaixo da ponte envolvem profissionais de vários órgãos – secretarias municipais de saúde e obras e serviços, diretoria de transportes, vigilância sanitária e epidemiologia e polícia militar como apoio. Tal ação é bastante complexa e toma a dimensão de um grande feito, merecendo até postagens nas redes sociais dos envolvidos.

Figura 2 - Limpeza debaixo da Ponte de Manelão em 2017

⁷Estratégias “(...) são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder, elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. (...) as estratégias apontam para a resistência” em Certeau (2001, p. 102).



Fonte: Ailton Santa cedido à autora (2023).

Manelão se apropria a várias décadas de um espaço urbano – a ponte sobre o rio Jacaré - à revelia do que fora concebido pela administração pública local, construindo o que para ele é importante – o seu espaço vivido. Não se importando com riquezas materiais, entende que estas tornam as relações sociais gananciosas dificultando o convívio social.

O caso de Manelão pode ser apontado como um exemplo de que o espaço concebido não atende aos anseios de uma sociedade por completo, desta forma, a pretensa homogeneização social não acontece. Neste espaço criado artificialmente, ocorrem fissuras que dão margem a que sujeitos ordinários⁸ criem o seu espaço baseado no valor de uso, onde astúcias diversas são desenvolvidas para dirimir os tensionamentos advindos pela criação e manutenção da apropriação do espaço abstrato.

⁸Homem ordinário – é uma expressão que Michel de Certeau utiliza para designar pessoas que conseguem abrir brechas no espaço abstrato, reinventando seu próprio cotidiano, dando-lhe significados diferentes do que lhe é imposto ou negado.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Henrique de Oliva. **De Contendas a Brasília de Minas**. Monografia. 1978. Editora São Vicente. BH.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. 3a edição. Petropolis. Editora Vozes. 1998.

GONÇALVES, Maria Inês de Matos. **Memorial de Brasília de Minas – documentário**. Edições Horta Grande. BH. 2006.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo. Centauro. 2001.

MENDES, Silvana Ferreira. **“Nos vivia nos tempo do cativêro”**: vivências e trajetórias de trabalhadores rurais brasilminenses (1970/90). Dissertação de Mestrado. PPGH – UNIMONTES. 2019.

NEPOMUCENO, Célia Regina Costa. **“OLHA QUEM ESTÁ FALANDO”**: história de Brasília de Minas a partir da memória de Manelão da Ponte. Monografia. UNIMONTES. São Francisco. 2014.

SILVA, Maria Eugênia Matos. **Onde Está sua Memória, Cidade?** Brasília de Minas: Gráfica Uni-Set, 1995.

SOUZA, Flauzina Mendes de. **Raízes de Santa Justa**: memórias e costumes. Montes Claros: Milenium 2019.

RITTER, João Pedro Noronha. **A teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre**: Etnografia dos espaços urbanos em Salvador. In: V Reunião Equatoriana de Antropologia. XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Direitos diferenciados, conflitos e produção de conhecimentos. Maceió: EDUFAL, 2015.